

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**FUNÇÃO ESPIRITUAL DA MULHER
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Buenos Aires, 28 de setembro de 1966

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



FUNÇÃO ESPIRITUAL DA MULHER NA SOCIEDADE MODERNA

A SOCIEDADE MODERNA

Dentro dos grandes ritmos da história e do processo vital de desenvolvimento da existência humana, coube-nos viver em uma época de transformações fundamentais, em escala mundial.

A mulher experimentou estas mudanças, no que já passou deste século, com uma velocidade e uma profundidade que não tem precedentes na História: desde os tímidos movimentos feministas de reivindicação dos direitos cívicos da mulher, no início do século, até a incorporação de grandes massas de mulheres à atividade trabalhista e à capacitação intelectual, passaram-se apenas 40 anos. A esta primeira revolução feminina, que está muito em relação com a revolução tecnológica e o desenvolvimento social da era moderna, sucede uma segunda revolução, em época muito recente - da qual muitas mulheres ainda não se deram conta de sua importância e transcendência. Refiro-me a uma revolução biológica que está ocorrendo no próprio corpo de milhões de mulheres, desde o momento em que a ciência descobriu os anticoncepcionais de síntese - cujas consequências ainda não podemos prever. Porém, paralelamente a estas mudanças sociais e biológicas, está se gestando uma revolução ainda mais profunda na intimidade da própria alma feminina.

Produziram-se, então, em pouco tempo:

- Mudanças sociais, que comovem os esquemas tradicionais da vida social da mulher.
- Mudanças corporais, ao modificar-se silenciosamente a fórmula hormonal.
- Mudanças anímicas, ainda em germe, mas que finalizarão no coroamento da mulher realmente moderna.

A MULHER MODERNA

Hoje em dia, fala-se muito da mulher moderna - e cada uma se sente intérprete, a seu modo, desse papel. Porém, o que é a mulher moderna?

É a que nasceu na era atômica, depois do ano 45?

É a mulher que trabalha, que se capacita, que tem um posto de responsabilidade na sociedade?

É a mulher que se liberou dos preconceitos do passado, da moral convencional e que conquistou um liberalismo sexual?

É a mulher que se liberou da tutela masculina, ou a mulher que compete com o homem e aspira à igualdade de seus direitos?

Podem haver sido conquistadas todas estas coisas e não se ser realmente uma mulher moderna.

A mulher moderna é aquela que pertence à nova geração. E os signos que a caracterizam são, fundamentalmente, de ordem interna - com expressões consequentes de vida no exterior.

Se, para identificar a mulher moderna nos tivéssemos a seus hábitos exteriores ou a suas modalidades de costumes, nos equivocariamos: exteriormente todos somos iguais. Em todas as partes do mundo, veste-se hoje quase da mesma maneira. Ainda que com diferentes idiomas, todo mundo se entende no que se refere ao manejo das coisas materiais: há uma linguagem praticamente universal no mundo dos negócios, no mundo do amor material e no mundo das relações sociais. Mas, interiormente somos muito diferentes e falamos às vezes idiomas muito diferentes, ainda que sejamos da mesma época.

A mulher moderna é um fruto interior. Está nascendo hoje animicamente, na intimidade do coração de muitas mulheres, através de um processo de aflição, a miúdo doloroso, do qual muitas não compreendem seu significado. É um verdadeiro nascimento interior - que se gesta, entre as sombras de um mundo passado e as luzes ainda muito fracas do mundo do futuro.

O MUNDO DO FUTURO

A mulher moderna é a que pertence efetivamente ao mundo do futuro e, para compreendê-la, devemos vislumbrar esse mundo.

Seria inútil e vão querer compreender o que hoje está acontecendo no interior da alma feminina, se quiséssemos interpretá-lo somente através da história do passado, através dos moldes femininos legados por esse passado ou através dos esquemas racionais, nos quais a ciência do presente quis confinar a mulher.

Isto é, não temos ainda modelos objetivos com os quais caracterizar essa nova mulher: porque os modelos femininos tradicionais - que eram ideais de imitação para a mulher - foram úteis como arquétipos coletivos, muitos deles criados pelo homem e a serviço de uma cultura de predomínio masculino.

Porque os modelos atuais de uma mulher moderna (criados pela mulher) são ainda insuficientes - e têm mais as características de modelos de competição com o homem, de rebeldia ou de desviacionismo, do que de autênticos modelos, surgidos das profundidades da alma feminina.

Porque a caracterização da mulher, feita pela ciência moderna, sobretudo pela psicologia materialista, se baseia em esquemas racionais parciais e na análise dos mecanismos psicológicos - mas sem ter em conta o mistério transcendente de sua alma.

Porém, o que é o mundo do futuro, a partir do qual podemos compreender a mulher futura?

O mundo do futuro é o mundo do amanhã que já existe hoje. Isto é, não é algo que virá, mas algo novo que já existe.

Muitos acreditaram ver no extraordinário progresso tecnológico e nas comoções sociais, econômicas e políticas que afetam grandes massas humanas, os fatos mais marcantes que caracterizam esta era moderna - sem perceber que estamos em presença de mudanças muito mais profundas, de caráter integral, cuja origem é preciso buscar na intimidade das correntes vitais e espirituais que regem o desenvolvimento da vida do universo.

A era moderna é gestada no silêncio da intra-história, em renovadas correntes espirituais que inspiram ideias e obras realmente novas, que não devem ser confundidas com algumas de suas consequências menos significativas ou com reações do passado. Quem são os intérpretes desta poderosa corrente? Quem são aqueles que recebem sua inspiração e traduzem seu verbo em ideias e obras concretas? Isto é, quem são os representantes da nova geração? São os grandes mestres da ciência moderna, os grandes mensageiros do coração,
e as almas simples.

Os primeiros, os sábios, abriram a prisão do mundo material e liberaram uma nova energia, a energia atômica.

Os segundos, os quais chamamos de grandes mensageiros do coração inspiram, por seu poder de amor, os movimentos generosos de ajuda à humanidade, de melhores relações entre os homens e de aperfeiçoamento espiritual.

Porém, além destes grandes seres, que são os pais da era moderna, existem - como em todas as épocas de mudança - almas simples, que escaparam às sofisticções e deformações de um ciclo cultural que se esgota e conservam em seu interior, suficiente

frescor, simplicidade e amplitude de critério para pôr-se rapidamente em sintonia com as novas expressões da cultura de seu tempo. Estes homens e mulheres são os que constituem a nova geração, os intérpretes das novas ideias e sentimentos - e a esperança para o futuro. Nada no exterior os identifica, pertencem aos mais diversos estratos sociais, a diferentes raças e a diferentes níveis culturais. Mas, têm entre si uma afinidade essencial que lhes permite reconhecerem-se como integrantes de uma mesma época. Percebem com força as correntes sutis que anunciam o que virá e são sensíveis às necessidades fundamentais dos homens de seu tempo.

O que é que caracteriza o novo mundo em que vivemos? Até ontem talvez, nos movíamos no campo da estabilidade da matéria, das concepções mecânicas do universo e da vida. A partir da grande revolução da era moderna, movemo-nos em um campo de consciência unitária e expansiva, de visão de totalidade e integralidade, de liberação de limitações e separatividades - e de ânsias de transformação e transcendência. Hoje em dia, explodiram os marcos convencionais do espaço-tempo, e o homem tem necessidade de uma nova vida com acesso a uma nova dimensão do ser. É a estas mudanças íntimas e substanciais que é preciso prestar atenção, se se quiser permanecer na linha dos homens e mulheres realmente modernos - e não às mudanças políticas e movimentos de massa, aos quais se dá hoje tanta importância e que não são mais que mudanças de segunda ordem, muitas delas pertencentes ao velho mundo da separatividade e da luta orgânica pelo domínio.

Neste mundo recém aberto, é onde se aventuram com passo vacilante, o homem e a mulher modernos: aqui não há pegadas a seguir, é preciso fazer as pegadas. Não há modelos aos quais imitar: o modelo novo ou o biotipo deve ser criado. As vozes que ressoam no ambiente são as já conhecidas do passado, ou as vozes confusas e angustiosas do presente, que parecem novas, mas não o são. Enquanto que a voz orientadora que guia para o futuro deve ser descoberta através do silêncio interior.

O RESTABELECIMENTO DO MISTÉRIO DA ALMA FEMININA

No ocaso de um ciclo que termina, angustiada pelo peso da História e pelos costumes, carregada com a responsabilidade de sua ativa vida social presente, a mulher moderna anela pela conquista de sua liberdade interior - que é sentir a plenitude de vida de sua própria alma. Esta vida da alma, sentida e expressa como valor genuíno, individual e transcendente, para além dos laços que ligam o ser com a herança, a sociedade e os costumes, é aquilo pelo qual, no fundo, a mulher anela: é o que chamamos, a egoência feminina.

Tradicionalmente, foram exaltados os valores biológicos, estéticos e éticos da mulher. E ela respondeu a esses imperativos transformando-os em objetivos para sua vida. É assim como se consagra à reprodução, a refletir sua beleza ou a atender seus deveres de esposa, de filha, de mãe, de profissional, de empregada... Por mais nobres que sejam estes afazeres, ainda que estejam exaltados pela estética mais refinada ou pela moral mais elevada, e ainda que lhe tragam muitas satisfações, é frequente descobrir que, apesar de ter tudo, a mulher costuma ficar insatisfeita consigo mesma: sim, tem seu lar, seu marido, seus filhos, sua profissão, seu emprego, seus amigos, seus amantes. Mas, quando se detém para olhar a si mesma, descobre que há algo em seu interior que lhe falta, algo que não pode ser reduzido aos gozos, aos bens ou aos deveres da vida comum. É algo inefável, que está para além da vida comum - e é o sentimento da liberdade de sua própria alma, pedra fundamental da vida espiritual da mulher.

A vida espiritual surge com renovado vigor na mulher moderna e há uma autêntica necessidade do divino e do transcendente. Não somente como ideia, devoção ou ato de fé, mas como ato vivo de união substancial entre o divino e o humano. O que a mulher anela, hoje em dia, não é tanto uma crença ou uma ideologia religiosa, mas um pão de vida para seu próprio alimento, que lhe dê a alegria e a segurança de que o amor e a vida estão em suas mãos - e que não deve pedir esses bens como esmola a ninguém, senão que ela mesma pode constituir-se em fonte humana de irradiação de valores

permanentes. É à conquista deste valor interior, individual, humano e divino ao mesmo tempo, de alta qualidade, que a mulher moderna aspira e que, em sua expansão de consciência, intui como a chave da autêntica vida de sua alma.

A mulher busca instintivamente a união, sobretudo com o homem. Mas esta aspiração biológica e social, considerada como fim supremo de sua vida - e inclusive como ideal de complemento, perfeição e transcendência, através do filho - não deixa de ser um fim secundário e isto já começam a compreender muitas mulheres de nossa época. Ao dizer secundário, não quero significar que não seja um fim nobre. Digo secundário, desde o momento em que se liga a aspectos contingentes da vida, meios que se fazem fins, descuidando muitas vezes o valor supremo da existência que é responder ao chamado transcendente e transvital da alma.

Este chamado em direção ao transcendente, ao divino, se faz sentir nas profundezas da consciência individual, como uma necessidade de penetrar no mistério da própria alma, não somente nos abismos do subconsciente como creem alguns, mas no mistério da raiz espiritual de sua natureza e restabelecer uma relação entre o humano e o divino que foi perdida. E foi perdida, tanto por um materialismo desarticulado do transcendente quanto por uma religiosidade ideal, desvinculada de expressões concretas no plano da vida.

A vida integral da alma feminina então, deve ser restabelecida através de uma nova aliança, não ideal, mas real - de uma verdadeira fecundação interior pelo espírito, tornada possível através da entrega da alma feminina ao sopro da corrente espiritual, sentimentalizando e corporalizando o Verbo. Isto é, fazendo-o carne, em uma expressão individual de egoência feminina. Esta capacidade de entrega e de renúncia, para dar vida - em sua própria alma e seu próprio corpo - aos valores supremos do espírito, dá origem, nas próprias entranhas da mulher, a um fruto de amor superior. Através deste filho do espírito, a mulher participa ativamente na construção da sociedade futura: é sua participação, através do amor criador.

É a partir desta aliança como ato primário, da qual podem surgir depois alianças secundárias, já seja no casamento, na arte, no trabalho, na vida de todos os dias: estas alianças secundárias já não serão escolhas ao azar, mas escolhas vocacionais, inspiradas por uma necessidade profunda de realizar, através desses meios contingentes, a vida transcendente da alma.

Em resumo: a união com o homem, com os filhos, com o trabalho, com os bens, com a cultura, se se tornarem fins supremos por si mesmos, costumam em um certo momento deixar a sensação de vazio, de frustração individual. Mas, se existir uma aliança substancial, um reconhecimento feito vida, das necessidades reais da alma - e um vislumbre de seu destino transcendente - os caminhos mais adequados não tardarão em, com certeza, serem indicados para realizar esses valores, nessas condições - ainda a dor e o fracasso são meios favoráveis de consumação existencial.

O MAGISTÉRIO FEMININO

A MULHER SUPERIOR

A função espiritual da mulher na sociedade moderna é restabelecer em si os valores supremos da vida, conservá-los e transmiti-los através de uma ação participante: gestação interior da egoência feminina.

Preservação dos valores íntimos, em meio às correntes confusas das ideias, das paixões, das modas e dos desvios da época moderna.

Transmissão desses valores espirituais à humanidade, com o carimbo particular que a vocação de cada uma imprime. Esta transmissão expansiva e participante constitui o magistério feminino.

Como se realiza esse magistério? Através da união espiritual com o homem.

Ao acoplamento instintivo e cego da fêmea humana, sucede uma união entre seres de luz. A mulher deve aprender a reconhecer, por refinamento de sua sensibilidade e sublimação de seu sexo, a alma luminosa de seu positivo masculino. Se não for assim, realizam-se uniões entre sombras e os frutos costumam ser frutos da sombra. Este é um capítulo que mereceria, por sua importância, uma conferência especial. Trata-se de uma das conquistas mais imediatas e necessárias da mulher: conhecer as leis que regem a escolha do companheiro.

Através da irradiação do amor não consumado com o homem

O mito do homem e do casamento, feito caminho real da mulher na sociedade tradicional, fizeram com que muitas mulheres - que não se sentiam naturalmente atraídas à consumação do amor sexual - se sentissem de fato à margem da corrente de mulheres, cujo ideal era o homem e o lar. Muitas delas, ao quererem forçar um casamento, não sentindo de todo, recolhem no final o fruto do desengano e da frustração. Dentro da linha de um respeito cada vez maior pelo destino individual, a mulher moderna chega a reconhecer que o destino de vida de muitas mulheres não passa necessariamente pelo matrimônio. E que o amor, nelas, não é para ser consumado com o homem, mas para ser irradiado: para os costumes, a arte, a assistência aos necessitados, à consagração religiosa. Às vezes, este é um caminho de consagração pública: a grande dama, a grande artista. Outras vezes, é um caminho solitário e anônimo.

Através da irradiação da beleza

A irradiação da beleza do espírito, através da alma e do corpo feminino, desempenha um papel importantíssimo na economia total da sociedade humana. Esta delicada função, intimamente ligada ao sexo, é um dos tantos valores superiores que a

mulher maneja habitualmente, em forma inconsciente - e que perde de forma muito prematura, pela degradação materializante. A maior consciência desta função irradiante e o controle de seu extraordinário poder, dará à mulher - a algumas mulheres - a chave de acesso a um arcano que todas tentam conquistar, mas que se esfuma constantemente em suas mãos: o poder do encanto, da sedução e da beleza, utilizado de forma criadora, para além da magia puramente sexual.

Através da custódia e transmissão, às gerações futuras, da herança espiritual da humanidade

Cada vez se perfila com maior vigor a necessidade de um magistério feminino que, transcendendo o papel puramente biológico de perpetuação da espécie e de transmissão dos costumes sociais, se adentre nas próprias raízes do que constitui a essência da dignidade humana e saiba conservar e transmitir esses valores.

Diz Erich Fromm, em *“A Arte de Amar”*: “Se bem que transmitamos conhecimento, estamos descuidando do ensino mais importante para o desenvolvimento humano: aquele que só pode ser transmitido através da simples presença de uma pessoa madura e amante... Se não chegarmos a manter viva uma visão da vida madura, então nos veremos frente à probabilidade de que nossa tradição cultural desmorone. Essa tradição não se baseia fundamentalmente na transmissão de certo tipo de conhecimento, mas na de certo tipo de traços humanos. Se a geração seguinte deixar de ver esses traços, desmoronará uma cultura de cinco mil anos. Ainda que o conhecimento seja transmitido e que continuemos desenvolvendo-nos”¹.

Confiro importância capital à mulher nesse tipo de ensino, não através de um profissionalismo, mas através de sua própria presença - como pessoa madura e amante. Quando a mulher descuida esse papel de custódia do fogo sagrado e se vulgariza com

os costumes de sua época, é sinal de alarma e índice de que um ciclo cultural pode estar chegando a seu fim.

Não pretendo haver esgotado as múltiplas possibilidades do magistério feminino, nem tampouco haver delineado o biotipo do que intuo como mulher moderna. Porque, como já disse, trata-se de um germe de futuro na mulher - que deve ser desenvolvido pela própria mulher. Por minha vez, só tento indicar sua existência e suas possibilidades. Mas, estou convencido de que - se o divino deve tomar, nesta época, uma nova expressão no corpo da humanidade e se, como diz Teilhard de Chardin, há necessidade hoje em dia de um “novo rosto de Deus” - esse Deus não poderá ter somente SEU rosto viril, severo, onisciente e todopoderoso, que animou paternalmente toda uma civilização de predomínio masculino, senão que, desde a imanência, deverá ser reconhecido também por trás do véu da figura feminina, na presença bondosa, doce, radiante de beleza e criadora dela.

Referências bibliográficas

- ¹ Fromm, E., "*El Arte de Amar*", Ed. Paidós, Bs. As., 1960, pág.128